

# **Psicopedagogia : uma análise sobre a singularidade linguística e cultural dos surdos<sup>1</sup>**

*Karina Ávila Pereira*

## *Resumo*

O Presente artigo tem por objetivo a análise de um estudo de caso de um aluno surdo, através de sessões psicopedagógicas tendo como referência os Estudos Surdos, campo teórico que pensa a educação de surdos a partir de contribuições dos Estudos Culturais em Educação. O trabalho psicopedagógico foi desenvolvido durante um estágio obrigatório da disciplina de Psicopedagogia Clínica e teve como objetivo a prática psicopedagógica, utilizando-se de ferramentas e testes avaliativos, procurando identificar e amenizar as dificuldades de aprendizagem de um aluno específico. Hora do jogo, par educativo e desenho da família foram alguns dos testes aplicados, e muitos destes demonstraram uma lacuna imensa no conhecimento deste aluno. O grande objeto desta investigação é tentar analisar o meio linguístico em que este aluno se desenvolveu, o qual pode ou não ter influenciado no atraso cognitivo do mesmo, procurando problematizar algumas relações que se estabelecem entre surdez-dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chaves: Surdez, aquisição de linguagem, Psicopedagogia.

## **Psychopedagogy: an analysis of the linguistic and cultural uniqueness of deaf students**

*Karina Ávila Pereira*

## **Abstract**

The present article aims analyzing a case study of a deaf student through psychopedagogical sessions with Deaf Studies theoretical reference, which analyze the education of the deaf

through contributions from Cultural Studies in Education. The work was developed during a psychology internship required of the discipline of Clinical and Educational Psychology aims to pedagogical practice, using tools and evaluative tests seeking to identify and ease the difficulties of learning from a specific student. Game Time, par educational and design of the family were some of the tests, and many of these have shown a huge gap in knowledge of this student. The great object of this investigation is to try to analyze the language environment in which this student has developed, which may or may not have influenced the cognitive delay from this specific student, seeking to investigate some relations established between deafness and learning difficulties.

**Keywords:** Deafness, language acquisition, Educational Psychology.

A Psicopedagogia constitui-se como uma área científica de estudo marcada pela investigação de como ocorre o processo da aprendizagem nos indivíduos, buscando soluções para as possíveis dificuldades da aprendizagem. Mais precisamente, definem-se como objeto da Psicopedagogia os problemas de aprendizagem. Segundo Bossa,

A Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda - o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia - e evoluiu devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender a essa demanda, constituindo-se, assim, numa prática. (1994, p.11)

Para dar conta do objeto de estudo Psicopedagógico recorreu-se não somente à Psicologia e à Pedagogia, mas também às áreas da Filosofia, Neurologia, Sociologia, Linguística e a Psicanálise, para ser possível alcançar a compreensão do processo da aprendizagem (BOSSA, 1994). Este artigo analisa uma investigação do caso de um aluno surdo, que apresenta dificuldades de aprendizagem, através das contribuições da Linguística Aplicada aos Estudos Surdos, que analisa a surdez não como uma patologia marcada pela falta de audição, mas pela presença da experiência visual desses indivíduos, constituindo-se como uma perspectiva cultural da surdez.

### **Sobre os Estudos Surdos**

Segundo Skliar,

os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político (1998, p. 5).

A partir dessa visão, Os Estudos Surdos se lançam na luta contra a interpretação da surdez como deficiência, contra a visão do indivíduo surdo enquanto ser deficiente, doente e sofredor, e, contra a definição da surdez enquanto experiência de uma falta.

Desta forma, os surdos, enquanto grupo organizado culturalmente, não se definem como “deficientes auditivos”, ou seja, para eles o mais importante não é focar a atenção sobre a falta da audição – os surdos se definem de forma cultural e linguística (SÁ apud WRIGLEY, 1996, p. 12).

A partir do exposto, Skliar elabora quatro níveis de reflexões acerca dos Estudos Surdos:

- \* Um nível de reflexão sobre os mecanismos de poder/ saber, exercidos pela ideologia dominante na educação dos surdos - o oralismo ou, melhor ainda, o “ouvintismo”- desde suas origens até os dias atuais;
- \* Um nível de reflexão sobre a natureza política do fracasso educacional na pedagogia para os surdos, visando a uma redefinição do problema;
- \* Um nível de reflexão sobre a possível desconstrução das metanarrativas e dos contrastes binários tradicionais na educação de surdos;
- \* Um nível de reflexão acerca das potencialidades educacionais dos surdos que possa gerar a idéia de um *consenso pedagógico* (1998, p. 15).

Para a reflexão a qual este artigo se propõe, focalizarei na quarta reflexão acerca das potencialidades educacionais dos surdos, no sentido de gerar um consenso pedagógico, ou seja, uma prática metodológica para esses alunos. Para que isso ocorra, será preciso revisarmos alguns conceitos teóricos sobre as línguas na educação de surdos.

### **As Línguas na Educação de surdos - Bilinguismo**

O Bilinguismo é uma proposta de ensino utilizada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas – ou mais – línguas no contexto escolar. Estudos nesta área têm apontado para esta proposta como sendo mais adequada para o ensino das crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como 1ª língua e parte desse pressuposto para pensar o ensino da língua escrita (QUADROS, 1997). No entanto, não há uma unidade nas propostas bilíngues na educação de surdos, mas mesmo assim, esta tem possibilitado um reconhecimento da língua de sinais como língua natural<sup>1</sup> das comunidades surdas.

Considerando a proposta bilíngue,

(...) a Libras deve ser a L1, ou seja, a primeira língua da criança surda brasileira e a língua portuguesa deve ser sua L2, segunda língua. A razão dessa afirmação é que estão relacionadas com o processo de aquisição dessas línguas, considerando a condição física das pessoas surdas: são surdas. Então, qualquer língua oral exigirá certos procedimentos, para ser adquirido por uma pessoa surda (QUADROS, 1997, p. 67).

É importante fazer a ressalva de que existe também uma identificação cultural presente

---

2 Utilizo a expressão língua natural a partir da linguística que considera as possibilidades de aquisição que se dá na imersão da criança em ambiente de língua compartilhada, nas interações espontâneas dos sujeitos usuários da língua, sem haver uma sistemática metodológica intencional para a aprendizagem da língua.

nas línguas de sinais, ou seja, os surdos adquirem uma LS, não porque não ouvem, mas por estabelecerem uma experiência visual com outros usuários desta língua, experiências essas que não são de caráter físico, mas cultural.

As pesquisas desenvolvidas em Língua Americana de Sinais (*American sign language-ASL*) mostram que a aquisição da língua de sinais se dá da mesma forma como acontece a aquisição de qualquer outra língua compartilhada por grupos sociais. Na maioria dos casos, as pesquisas envolvem as crianças surdas, filhas de pais surdos, por considerá-las em meio linguístico adequado para a aquisição da língua de sinais de forma natural. No entanto, devemos observar que estas representam apenas 5% a 10% das crianças surdas (QUADROS, 1997).

Considera-se também que o processo de aquisição da língua de sinais em crianças surdas acontece no mesmo período em que uma criança ouvinte adquire uma língua oral. O período de aquisição vai desde o balbúcio, passando pelo período pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágio de múltiplas combinações. Neste artigo, não pretendo explicar como ocorre cada período, mas sim reafirmar as pesquisas que demonstram que as crianças surdas passam pelas mesmas etapas de aquisição da criança ouvinte, desde que inseridas em ambiente linguístico favorável. Contudo, a maioria dessas crianças não estão inseridas em um meio linguístico considerado favorável a uma aquisição de forma natural, pois como já foi mencionado anteriormente neste artigo, elas correspondem de 5% a 10% das crianças surdas. Diante deste fato, torna-se preocupante a questão da aquisição de linguagem de crianças surdas filhas de pais ouvintes, pois nesse contexto, nem sempre lhe será garantido ambiente propício para o desenvolvimento natural de uma LS, e é a partir disso que muitos problemas de dificuldades de aprendizagem poderão ter espaço para desenvolverem-se. Em relação ao caso clínico, o qual passarei a narrar, o aluno surdo não obteve ambiente linguístico favorável para a aquisição de forma natural, segundo informações levantadas durante as análises da ficha escolar do aluno.

### **Relatando a prática psicopedagógica**

As análises que apresentarei no presente artigo se referem a uma experiência durante estágio de Psicopedagogia Clínica com um aluno surdo de 15 anos de idade, que cursava a terceira série do fundamental. As principais queixas apresentadas pela professora eram as dificuldades de aprendizagem, carência de escrita, e falta de interação com os colegas. As

primeiras sessões foram destinadas para conversar com os pais e saber como a família sentia/percebia essas dificuldades. Na primeira conversa com o pai, o mesmo demonstrou bastante interesse em que o filho melhorasse, mas ressaltou que o filho não tinha nenhum problema mental, que na verdade, ele era muito tímido e em razão disso não interagia na escola, mas dentro de casa interagiu muito.

Neste momento, percebi que a visão que o pai tinha das dificuldades do filho era uma visão protetora, mas era a visão que ele conseguia perceber. Questionei o pai se o mesmo conversava, interagia com seu filho em língua de sinais, mas ele disse não saber a Libras, fato esse que, segundo o pai, não impedia os dois de se comunicarem, pois ele relatou se utilizar de mímicas, oralização, de tudo um pouco.

Procurei investigar na Anamnese do aluno um histórico da sua vida escolar. Esta continha escassa informação sobre os seus primeiros anos de vida. A mãe e o pai, segundo constava neste documento, apresentavam dificuldades de compreensão, além de baixa escolaridade. Habitavam uma casa de apenas um cômodo e possuíam poucos móveis neste ambiente. O que eu estava procurando, eram as primeiras impressões da descoberta de ter um filho surdo, e qual teria sido o passo dado pela família após essa descoberta. Segundo relatos do pai, o menino foi levado ao médico, onde foram recomendadas sessões de fonoaudiologia.

Ao ingressar na escola especial, com sete anos de idade, teve ajuda de um centro especializado de apoio, onde vários testes psicológicos foram aplicados ao aluno demonstrando sentimentos de baixa valia, dificuldades na área lógica e linguística. É importante salientar que, em muitos dos casos, os primeiros atendimentos aos surdos estão ainda vinculados ao olhar clínico, que procura estabelecer um diagnóstico que define condutas, colocando esses sujeitos no espaço da deficiência.

A partir desses atendimentos, os alunos ingressam em uma “viagem” na busca de sua normalização, através de aparelhos auditivos, implantes cocleares e sessões de fonoaudiologia. Neste momento, a família exerce um grande papel na vida desses indivíduos, pois dependendo de sua visão, seu filho vai ser encaminhado para caminhos totalmente opostos: ou irá se enxergar esses sujeitos como “deficientes” ou com uma diferença cultural. Na primeira, buscar-se-á normalizá-los com métodos clínicos, que poderão causar traumas irreversíveis, pois nesta escolha, não há aceitação do surdo ou respeito por ele, e sim tentativas de torná-lo “normal”.

Em seu livro intitulado “O normal e o patológico”, Canguilhem apresenta algumas concepções do que seria normal:

O *Vocabulaire technique et critique de la Philosophie* de Lalande é mais explícito: é normal, etimologicamente - já que norma significa esquadro - aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto o que se conserva num justo termo; daí derivam dois conceitos: é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual da palavra, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável. (2002, p 95)

Canguilhem discute o quanto este termo é equívoco, pois designa ao mesmo tempo um fato e um valor atribuído a esse fato por aquele que fala, em virtude de um julgamento de apreciação que ele adota. Também analisa este equívoco pela tradição filosófica realista, segundo a qual toda generalidade é indício de uma essência. (CANGUILHEM, 2002).

A segunda alternativa constitui-se em enxergar o surdo por sua diferença cultural e linguística, assegurando-lhe o direito à língua de sinais, bem como um ambiente linguístico favorável para o desenvolvimento desta língua. O Bilinguismo também se faz presente nesta visão, dando o *status* de primeira língua para a Libras e considerando o português como segunda língua.

### **Testagens aplicadas**

A seguir, passo a analisar a continuidade dos procedimentos estabelecidos no atendimento psicopedagógico do aluno, e que consistiram em: *entrevista familiar exploratória situacional; técnica psicopedagógica do desenho da família; técnica psicopedagógica do par educativo; a hora “psicopedagógica” do jogo.*

- *Entrevista Familiar Exploratória Situacional*

A entrevista familiar exploratória situacional (EFES) foi o segundo instrumento aplicado com o pai, que se mostrou interessado em participar. No entanto, é preciso deixar claro, novamente, que na visão dele o filho não apresenta nenhum problema sério e nem é louco (palavras proferidas pelo pai), e que seu problema é que ele é muito tímido e a professora precisa estimulá-lo mais. Sobre a infra-estrutura do bairro, posto de saúde, assistência social, posto policial, escola e praça, são elementos presentes. A casa possui água encanada e luz elétrica. Possui um cômodo que tem uma repartição, de um lado tem uma cama de casal e um beliche, e do outro a cozinha/sala. Possui TV colorida, geladeira, fogão,

sofá e duas cadeiras. A moradia apresenta pátio, que é o local onde o pai e o filho do meio utilizam para jogar bola. No entanto, seu filho prefere ficar desenhando ou assistindo TV. A família reside no local há mais de 30 anos. O pai herdou o terreno e o divide com mais 8 irmãos. O mesmo tem um bom relacionamento com os vizinhos.

Segundo o pai, a opção pela escolha da escola foi feita porque o seu filho é surdo e o filho do meio apresenta dificuldades de aprendizagem. O pai considera a escola boa. Nos finais de semana gosta de passear com a família, ou visitar os parentes. Os pais não terminaram o Ensino Fundamental: a mãe nem chegou a concluir o 1º ano e o pai foi até o 5º ano. A renda familiar para sustentar cinco pessoas (pai, mãe e três filhos) é aproximadamente inferior a um salário mínimo.

No que tange à afetividade, o pai disse ser carinhoso com os filhos, se considera amigo e não se considera superprotetor. Ele disse que incentiva os filhos a serem responsáveis através do diálogo sobre diversos assuntos, entre eles sexualidade. Infelizmente, o pai disse que nem ele nem a mãe ajudam os filhos em suas dificuldades escolares, por causa da baixa escolaridade, e o filho surdo não tem um horário dedicado aos temas. Foi curiosa a declaração do pai de que dialogava com o filho se ele mesmo afirmou que não sabia a língua de sinais.

O ambiente familiar deste aluno é um ambiente de muitas limitações físicas. Pelos relatos de outros profissionais que fizeram atendimento à família, esta como um todo, apresenta comprometimentos cognitivos, mas nada é comprovado a partir de exames e laudos, nem mesmo com o filho surdo, pois o pai nunca aceitou que ele fosse ao neurologista, afirma que o filho é “totalmente normal”.

- *Técnica psicopedagógica do Desenho da Família*

Por meio do desenho da família, verifica-se como a criança se coloca no contexto familiar, seus vínculos afetivos com as pessoas e com o conhecimento, (...) Propicia também a leitura da forma pela qual a criança se percebe diante do saber e conseqüentemente a sua síntese cognitiva sobre o “não aprender”, deixando claro no conteúdo latente a função da “doença”, para ela e no meio familiar, (...) (CHAMAT, 2004, p. 209)

Nesta avaliação psicopedagógica solicita-se que o aluno desenhe uma família. Ofereci uma folha em branco para ele e pedi que desenhasse sua família, pelo fato de possuir uma língua de sinais limitada e não conseguir abstrair, por exemplo, os enunciados “família real” e “família ideal”, como propõe essa técnica. Ele começou a desenhar um rosto.

Finalmente, quando ele terminou o desenho, percebi que era um único rosto de homem. Perguntei quem era e ele disse ser “homem da TV”. Após algumas sessões, solicitei ao pai que me contasse os gostos de seu filho, já que o aluno, na maioria das vezes não entendia o que eu sinalizava. O pai disse que seu filho gostava de desenhar o que ele via TV, e que fazia ótimas cópias de desenhos. Pelo que percebi, a rotina deste aluno se resumia em ir para a escola e em casa assistir TV. Os pais não possuem comunicação com o filho, pois ambos não sabem sinalizar, comprometendo, assim, qualquer possível avanço na aprendizagem deste aluno em casa. Como é possível que pai e mãe não conversem com seu filho, não discutam sobre os temas, as escolhas, a escola, enfim, não interajam?

Grande parte dos surdos vivenciam esta situação de não comunicação com suas famílias e esse é um grande fator para que estas crianças apresentem dificuldades de aprendizagem. As crianças necessitam de interação, pois nela se firmam elementos como a afetividade, confiança, respeito, entre outros. Se a comunicação é precária, ou seja, a família não faz a sua parte, como esperar que a escola sozinha dê conta do desenvolvimento de aprendizagem de um indivíduo? Este é um dos dilemas que as crianças surdas enfrentam.

- *Técnica Psicopedagógica do Par Educativo*

Trata-se de uma técnica desenvolvida na Argentina e adaptada por Olivero e Palácius (1980-1990), cujo original enviado para a Inglaterra se perdeu, caindo no anonimato quanto à sua autoria. Nas questões pertinentes à relação professor, aluno e conhecimento é amplamente utilizada, com adaptações da técnica original. (...) (CHAMAT, 2004, p. 111)

Solicitei ao aluno que desenhasse um ser que ensina e um ser que aprende. Em Libras, isso é feito de forma direta através dos signos linguísticos professora e aluno. Expliquei de várias maneiras. Em Libras, com mímica, e com desenho. Ele então começou o trabalho e fungou o tempo todo, talvez estivesse gripado. Começou por uma cabeça, que achei ser a professora, depois de um tempo percebi que era o *Chaplin Colorado*, personagem famoso da televisão. Perguntei o que era, e ele se remeteu novamente a TV da casa dele.

Também no topo do desenho, havia o símbolo do Internacional. Perguntei se ele era Inter ou Grêmio. Isso ele entendeu muito bem, respondendo que assistia em sua TV. Este também foi um trabalho difícil, pois é perceptível que o aluno não compreendia instruções, nem mímica. Ele sempre parece estar vinculado a algum personagem da TV, sendo esta a sua grande paixão. Ele não conseguia criar, só fazia cópias de alguma imagem que já havia visto

anteriormente.

- *A hora “Psicopedagógica” do Jogo*

A hora do jogo se constitui em uma técnica desenvolvida por Pain (1985), tratando-se de uma atividade lúdica, que inclui três aspectos da função semiótica (função responsável pela internalização de significantes e significados): o jogo, a imitação e a linguagem. O Sujeito que é capaz de utilizar essa função pode aprender, pois está utilizando códigos, símbolos e signos, que fazem parte do conhecimento. (CHAMAT, 2004, p. 99)

Ao mostrar a caixa, disse ao aluno que ele poderia abrir e utilizar tudo o que estivesse dentro. O aluno pareceu não gostar da ideia e ficou olhando para o chão com o boné tapando os olhos. Então abri a caixa e fui mostrando as tintas, os pincéis, os lápis de cor e fui colocando na mesa dele, pois ele não tinha nenhuma motivação para mexer na caixa. Depois começou a vasculhar a caixa, e me pareceu que estava em busca de algo pronto. Não encontrando nada, ele ia atirando as coisas na caixa, parecendo estar mal humorado. Depois pegou uma folha, tinta verde e pincel. Pintou tudo de verde. Logo em seguida, pegou uma caixa de creme dental e enrolou o papel verde nela. Depois disso, ficou olhando para mim e não fez mais nada, como se já tivesse acabado. Perguntei o que era e ele disse “um controle remoto”. Perguntei onde estavam os botões. Ele sorriu e sinalizou “é controle TV”.

Novamente, aqui na hora do jogo, percebeu-se que o aluno não teve motivação para o novo, o inesperado. Produziu algo que faz parte da vida dele: um controle remoto. Percebi que a TV parece ser praticamente tudo que ele tem para ser feliz, para se ocupar em casa, e parece ser o único elemento na vida dele, pois tudo o que ele produziu até o presente momento, foram objetos e personagens da TV. Senti uma enorme dificuldade em avaliar e diagnosticar este aluno, pois todos os laudos existentes foram feitos por psicólogos que utilizaram testes como o Bender, Columbia, ENE, que são testes feitos para e por ouvintes. Infelizmente, ainda não temos resultados definitivos, mas existem pesquisas que visam à adaptação/validação de testes como o Wisc, para o contexto dos surdos, que poderão propiciar uma melhor análise psicológica desses indivíduos.

Durante as sessões o que mais me questionava era se quando este aluno entrou na escola teve acesso à Libras. A escola confirmou que todos os alunos que chegam sem ter adquirido linguagem, participam da “estimulação precoce”. Apesar de seu ingresso na escola ter acontecido com 7 anos de idade, este aluno já trouxe um grande atraso em comparação

com alunos surdos que chegam na escola aos 2 ou 3 anos e começam a adquirir linguagem. Este aluno passou os sete primeiros anos de sua vida privado de linguagem, e ao ingressar na escola já estava em grande atraso, pois os pais desconheciam a língua de sinais. Mesmo que o processo de “estimulação precoce” seja voltado para estas crianças sem linguagem, somente este trabalho não dá conta do processo de aquisição que é extremamente complexo. Mas e dentro de casa? Sabe-se que uma língua para ser adquirida precisa ter certos aparatos para que isso ocorra. Um deles é a exposição à língua, o que ocorria na escola, mas dentro de casa este aluno ficou sem comunicação, sem interação com os pais. O que quero analisar a partir disso é o meio linguístico ao qual este aluno foi exposto. Como pensar em desenvolvimento cognitivo pleno, se este aluno foi privado de comunicação dentro do ambiente que deve ser considerado como seguro?

Krashen (1987) afirmava que para que a aquisição ocorra é preciso que se estabeleça uma significativa interação na língua que se quer aprender, que os falantes não estejam preocupados com a parte formal da língua, mas sim com a mensagem que está sendo proferida. Para ter-se uma comunicação natural e significativa na língua alvo é preciso que os indivíduos envolvidos conheçam essa língua, mesmo não sendo sua primeira língua, o que não ocorria no caso deste aluno, que demonstrava uma imensa lacuna na aquisição da L1. Em decorrência dessa lacuna cognitiva, acredito que muitas das dificuldades de aprendizagem estão totalmente encadeadas com o fato da aquisição não ter sido de forma natural ou próxima a isso. O que gostaria de problematizar aqui são as rotulações dadas à maioria dos alunos surdos por causa da falta de audição. As pesquisas na área da aquisição da linguagem em crianças surdas já demonstraram que a aquisição ocorre de forma favorável, desde que estas crianças estejam expostas a um ambiente propício ao desenvolvimento linguístico de uma L1 viso-espacial.

Parece-me clara a ideia de que se uma criança é privada de linguagem não irá desenvolver suas capacidades cognitivas. Estes são os casos das crianças selvagens, como Victor, o menino selvagem que por muitos anos viveu isolado nas florestas do sul da França. Ao ser encontrado, o menino não apresentava linguagem. Muitos esforços foram feitos no sentido deste menino adquirir linguagem e conseqüentemente língua, mas o mesmo parecia não conseguir desenvolver seu pensamento de forma independente, segundo o esperado por seu educador. Em seu relatório, o médico/pedagogo Jean Itard relata o seguinte:

Falando das dificuldades de nosso Selvagem, não dissimulei os obstáculos que

havam detido o desenvolvimento de algumas delas, e fiz para mim um dever marcar exatamente as lacunas de sua inteligência (ITARD, [1807] 2000, p. 224).

Diante do exposto, fica evidente que a maior dificuldade deste aluno surdo que apresenta dificuldades de aprendizagem e um fracasso escolar preocupante, está ligada à lacuna no processo de aquisição da linguagem. Este, sim, é um dos fatores determinantes para o sucesso escolar de um aluno — seja ele surdo ou ouvinte — e não a condição de ser surdo. A partir destas problematizações, pode-se considerar que muitos dos problemas deste aluno surdo poderiam ser evitados, se ele tivesse sido exposto a um ambiente linguístico familiar favorável ao desenvolvimento de uma língua. Existem muitas crianças surdas que apresentam dificuldades de aprendizagem em decorrência de uma tardia aquisição de linguagem. No caso deste aluno, este foi exposto à língua de sinais com sete anos. No entanto, as dificuldades apresentadas por ele vão além do problema da comunicação, mas também nas questões de estabelecimento de relações, de entendimento, e de expressão, dificuldades essas que nada tem a ver com a surdez, mas sim com outros comprometimentos, que não puderam ser intensamente investigados, por falta de comprometimento da família, que como consta da ficha do aluno, sempre faltou as consultas com neurologistas e médicos em geral. Mais uma vez, a família deixa de cumprir com seu papel de proteção e cuidados esperados por qualquer criança.

### **Contribuições da Psicopedagogia nas dificuldades de aprendizagem de alunos surdos**

A Psicopedagogia como área científica que investiga as dificuldades de aprendizagem tem uma importante contribuição quando estamos avaliando alunos surdos que apresentam dificuldades de aprendizagem e baixo rendimento escolar. Se as análises forem investigadas a partir da falta de audição como fator principal das referidas dificuldades, os alunos surdos estarão condenados a um diagnóstico que reafirma a surdez como patologia. No entanto, se o profissional desta área tiver uma visão cultural da surdez e ao analisar as testagens psicopedagógicas fizer uma investigação linguística da vida deste aluno surdo, como questões da aquisição (como ocorreu, como a família percebe a surdez e se é usuária da Libras, entre outras questões), este aluno poderá obter uma chance maior para vencer as dificuldades. É interessante ainda destacar que as testagens devem ser vistas como referências e não como padrões de normalidade a serem desejados sem as contextualizações das condições históricas, sociais e culturais em que foram organizadas.

Desta forma, o aluno terá um encaminhamento totalmente diferente e poderá, sim, melhorar seu desempenho escolar em muitos aspectos. Para isso, os cursos de formação de Psicopedagogia precisam investir na qualificação de seus docentes e na revisão do currículo desses cursos. Se os cursos continuarem a pregar os termos “deficiência auditiva” e continuarem a ensinar aos futuros profissionais como identificar a surdez pelo viés patológico, será uma negação aos novos movimentos das minorias linguísticas, como é o caso dos surdos.

### **O (novo) perfil do psicopedagogo que trabalha com alunos surdos**

Diante das novas teorias e perspectivas culturais que analisam a surdez pelo viés da diferença, fica evidente a urgência do profissional psicopedagogo em adquirir esses novos conhecimentos, para não cair no erro de desconsiderar a experiência visual e a própria língua de sinais dos alunos surdos. Os conhecimentos aos quais me refiro como fundamentais na formação do profissional psicopedagogo são a inclusão de novas disciplinas no currículo dos cursos de formação, como Língua de Sinais Brasileira e a Linguística aplicada à Libras, bem como várias das problematizações que os Estudos Surdos vêm apresentando a partir das contribuições dos Estudos Culturais, para dar alguns exemplos. Somente depois que os futuros profissionais tiverem assimilado esses novos conhecimentos é que os surdos terão mais oportunidade de ressignificar as dificuldades de aprendizagem nas sessões psicopedagógicas.

### **Referência Bibliográfica**

BLANKS-LEITE, Luci; GALCÃO, Izabel. (Org.) *A Educação de um selvagem*. As experiências pedagógicas de Jean Itard. São Paulo: Cortez, 2000.

BOSSA, Nádia A. *A Psicopedagogia no Brasil*. Contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

CHAMAT, Leila Sara José. *Técnicas de Diagnóstico psicopedagógico: O diagnóstico clínico na abordagem interacionista*. 1º ed. São Paulo: Vetor, 2004.

FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Müller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis. Editora UFSC, 2008.

FIORIN, José Luiz (Org). *Introdução à Lingüística I: Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, José Luiz (Org). *Introdução à Lingüística II: Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

ITARD, Jean. [1807] *Relatório II*. Relatório feito a sua excelência o Ministro do Interior sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do selvagem do Aveyron. In: BLANKS-LEITE, Luci; GALCÃO Izabel. (Org.) *A Educação de um selvagem*. As experiências pedagógicas de Jean Itard. São Paulo: Cortez, 2000.

KRASHEN, Stephen D. Principles and Practice. *Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. D. (Orgs). *Introdução à Lingüística: Domínios e fronteiras*. V.1. São Paulo: Cortez, 2001.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. D. (Orgs). *Introdução à Lingüística: Domínios e fronteiras*. V. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. D. (Orgs). *Introdução à Lingüística: Fundamentos epistemológicos*. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de Surdos*. Aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SKLIAR, C. B. (Org.). *A Surdez: Um olhar sobre as diferenças*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

WEISS, Maria Lucia Leme. *Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

=====

=====

**Karina Ávila Pereira** é Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação na UFPEL e Tradutora Intérprete da Libras.

E-mail: [karina.pereira53@gmail.com](mailto:karina.pereira53@gmail.com)

=====

=====